



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE ITABAIANA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

JONAS DOS SANTOS ALVES

CICLOS DO INEVITÁVEL NO FILME QUERÔ

Itabaiana/SE

2026

JONAS DOS SANTOS ALVES

CICLOS DO INEVITÁVEL NO FILME *QUERÔ*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Português do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade

Itabaiana/SE
2026

*Dedico este trabalho à minha família, à minha esposa,
à Gabriela (orientadora) e aos meus amigos pelo apoio
e incentivo nos momentos difíceis.*

RESUMO

O trabalho analisa o filme *Querô* a partir da relação entre racismo estrutural, violência estatal, encarceramento, necropolítica e marginalização de corpos negros. A pesquisa parte da trajetória de *Querô* para discutir como a exclusão social se apresenta como um ciclo que perpassa geração após geração. O filme é lido como objeto de letramento crítico visual, considerando imagens, enquadramentos, movimentos de câmera e cenas de violência institucional. A fundamentação teórica mobiliza autores como Silvio Almeida (2019), Michel Foucault (2011), Achille Mbembe (2018), Angela Davis (2018) e Abdias do Nascimento (1978). O conceito de racismo estrutural orienta a compreensão das desigualdades que atravessam a vida do protagonista desde o nascimento. A noção de necropolítica permite interpretar a ação do Estado sobre vidas consideradas descartáveis. A discussão sobre o cárcere, com Angela Davis, mostra a prisão como continuidade de mecanismos históricos de controle racial. A análise de Alzira evidencia a vulnerabilidade de mulheres marginalizadas e a transmissão de violências para o filho. Na passagem de *Querô* pela FEBEM, o trabalho observa a produção do “vilão social” e a naturalização da punição. As rebeliões e fugas são interpretadas como tentativas de ruptura diante de uma estrutura que conduz o protagonista à destruição. Nas considerações finais, o autor reconhece lacunas, especialmente sobre a personagem Alzira e uma possível abordagem feminista. O presente trabalho, então, conclui que *Querô* expõe os ciclos de exclusão, violência e morte impostos a sujeitos negros e periféricos.

Palavras-chave: racismo estrutural; *Querô*; sistema carcerário; letramento crítico visual.

ABSTRACT

This paper analyzes the film *Querô* through the relationship between structural racism, state violence, incarceration, necropolitics, and the marginalization of Black bodies. The study draws on *Querô*'s trajectory to discuss how social exclusion emerges as a cycle that continues from one generation to the next. The film is approached as an object of critical visual literacy, taking into account images, framing, camera movements, and scenes of institutional violence. The theoretical framework draws on authors such as Silvio Almeida (2019), Michel Foucault (2011), Achille Mbembe (2018), Angela Davis (2018), and Abdias do Nascimento (1978). The concept of structural racism guides the understanding of the inequalities that shape the protagonist's life from birth. The notion of necropolitics makes it possible to interpret the actions of the State toward lives regarded as disposable. The discussion of incarceration, based on Angela Davis, presents prison as a continuation of historical mechanisms of racial control. The analysis of Alzira highlights the vulnerability of marginalized women and the transmission of violence to her son. In *Querô*'s experience at FEBEM, the paper examines the construction of the "social villain" and the normalization of punishment. The rebellions and escapes are interpreted as attempts to break away from a structure that leads the protagonist toward destruction. In the final considerations, the author acknowledges gaps, especially regarding the character Alzira and a possible feminist approach. The paper therefore concludes that *Querô* exposes the cycles of exclusion, violence, and death imposed on Black and marginalized subjects.

Keywords: structural racism; *Querô*; prison system; critical visual literacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA	10
2.2 O poder e o racismo estrutural	11
2.3 A micropolítica e o cárcere.....	16
3 ANÁLISE FILMICA DE QUERÔ	20
3.1 Alzira, a mãe de Querô.....	20
3.2 A prisão de Querô	23
3.3 As grandes e as pequenas rebeliões.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	45

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: cena da morte de Alzira do filme Querô	21
Figura 2: Alzira é levada pelo IML	22
Figura 3: cadáver de Alzira	22
Figura 4: início da detenção	25
Figura 5: A irmã de Querô	25
Figura 6: FEBEM, o primeiro contato	27
Figura 7: O conflito	28
Figura 8: A solitária	29
Figura 9: A Autorreflexão	29
Figura 10: A entrevista	30
Figura 11: Ausências	31
Figura 12: Indignação	32
Figura 13: Revolução	32
Figura 14: Liberdade	33
Figura 15: Igreja	34
Figura 16: Paixão	34
Figura 17: Bar	35
Figura 18: Conflito com Brandão	35
Figura 19: Encontro de Sabará	36
Figura 20: Ameaça de Sabará	36
Figura 21: Despedida	37
Figura 22: O Querô	37
Figura 23: O retorno de Querô	39
Figura 24: Carta pra Gina	39
Figura 25: Acerto de contas	40
Figura 26: Devaneio	41
Figura 27: Encontro	41
Figura 28: A sedução da Morte	42
Figura 29: Abraçando a morte	42

1 INTRODUÇÃO

Querô (2007) é um filme de drama brasileiro dirigido por Carlos Cortez, sendo sua roteirização por Carlos Cortes e Plínio Marcos, que relata a dura trajetória de um órfão no porto de Santos e se destaca pela forte crítica social. A estreia ocorreu em 14 de setembro de 2007 e tem duração aproximada de uma hora e vinte e oito minutos, com faixa etária para maiores de 16 anos, classificação dada por conta de suas cenas fortes e reflexivas sobre o racismo e a desigualdade social.

O filme conta a história de Jerônimo da Piedade ou Querô, um menino que nasceu em um bordel, filho de Alzira, uma trabalhadora do sexo. Sem amparo e sem direitos garantidos, Alzira é expulsa e, sem perspectiva abandona seu filho e se suicida, tomando querosene. Alguns anos depois, Querô se envolve na criminalidade, logo é detido na FEBEM¹. Lá ele vive os problemas de uma instituição falida, vai para a solitária e, dias depois, acontece uma revolta entre os meninos detidos. Querô foge e encontra Gina, que cuida dele e tenta levá-lo para a igreja para fugir da marginalidade. Nesse contexto, Querô se torna seu amigo e apaixona-se por Lica, filha do pastor, e sua vida parece mudar, até consegue um trabalho.

No entanto, no aniversário de Lica, Querô, na tentativa de comprar um presente para ela, se endivida com Brandão, parceiro de trabalho e, ao sair do bar, é abordado por Sabará, policial que o deteve anos atrás. Ele é ameaçado e passa a pagar um valor toda semana. Desesperado, sai ao encontro de Mosca, antigo fugitivo de detenção, rouba sua arma e vai ao encontro de Lica para se despedir. Logo após pagar Brandão, encontra-se com Sabará e dispara contra ele, mas também é atingido gravemente. Ao fim, foge ensanguentado pela rua onde devaneia sobre as mazelas sofridas e no instante final de sua morte encara a miragem de sua mãe sorrindo como um convite à fuga de sua vida.

Dessa forma, o presente trabalho busca discutir, através da análise do racismo estrutural, dominação de poder do estado, o sistema carcerário, a marginalização dos corpos negros e o genocídio do negro. A escolha do tema se dá pela necessidade de debate sobre o racismo e a desigualdade em um contexto social em que o sistema utiliza estratégias para intensificar o

¹Considerando a implementação da FEBEM-SP, em 1976, e, a Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo (Fundação CASA), criada no ano de 2006, ou seja, um período de três décadas, tem-se que diversas mudanças ocorreram, sobretudo se compararmos com a realidade da Fundação CASA no ano de 2024. “Nestes 30 anos entre a implementação da FEBEM-SP e a Fundação CASA, não há como dizer que não se obteve avanços em relação à infraestrutura da instituição, qualificação no trabalho e no atendimento realizado aos/as adolescentes, redução no número de rebeliões que se faziam presentes nos anos 2000, ruptura com a superlotação nos dormitórios, entre outros” (SOUZA, 2025, P. 142).

encarceramento e extermínio em massa, mantendo o diálogo sobre os ciclos inevitáveis de genocídio, como uma necropolítica, a partir da análise fílmica de *Querô*. Assim, a escolha do filme se dá pela compatibilidade entre a realidade vigente do sistema, em que exerce seu poder e causa o genocídio de pessoas negras e marginalizadas, limitando, impondo e decidindo a importância de suas vidas.

O presente texto é organizado em quatro seções. A primeira, “Introdução”, inicia-se com uma apresentação do filme *Querô*, dos objetivos e de um resumo da estrutura do texto. A segunda seção, “Fundamentação teórica-metodológica”, é dividida em subseções que apresentam a metodologia, o poder e o racismo estrutural, além da micropolítica e do cárcere. A terceira seção, “Análise fílmica de *Querô*”, é dividida em três subseções: “Alzira, a mãe de Querô”; “A prisão de Querô”; e “As grandes e as pequenas rebeliões”. Ao fim, temos a seção “Considerações finais”, na qual são demonstradas as dificuldades e as futuras extensões das análises.

Na subseção 2.1, temos a metodologia, em que se explica a forma de abordagem do nosso trabalho, voltado para o letramento visual crítico, em que trazemos o conceito de Paulo Freire na tentativa de entender que o letramento crítico visual vai além da mera interpretação, sendo a capacidade de questionamento, entendendo que a linguagem não se torna neutra, tendo em vista os diversos sentidos obtidos e derrubando a ideologia de verdades universais sobre o entendimento de algo.

A seção 2 é dividida em dois subtópicos, que são eles: a subseção 2.2, “O poder e o racismo estrutural”, com Silvio Almeida (2019), em que traz o conceito do racismo estrutural, em que o Estado cria mecanismos em toda estrutura social, favorecendo a desigualdade e transformando-a em algo estrutural e contínuo em torno das gerações, isso além da teoria de Michel Foucault sobre a relação de poder do Estado sobre o indivíduo; já a subseção 2.3 é intitulada “A micropolítica e o cárcere”. Nela, analisamos como o sistema controla as decisões sobre a vida do indivíduo. Assim, associado a esse termo, temos a teoria do biopoder de Michel Foucault (2011) e a teoria de necropolítica de Achille Mbembe (2018). Entendemos que o Estado cria o vilão social e, assim, rotula atrocidades, suavizando e tornando algo comum socialmente. Também falamos nessa subseção sobre o cárcere, no qual Angela Davis (2018) fala sobre o encarceramento e de que forma tudo está estruturalmente ligado ao racismo, exemplo disso, como a autora cita o alto número de encarceramento em massa de pessoas negras e marginalizadas, como também a prisão ter se tornado algo lucrativo.

A seção 3 também é dividida em três subtítulos, são eles: 3.1 “Alzira, a mãe de Querô”; 3.2 “A prisão de Querô”; e 3.3 “As grandes e as pequenas rebeliões”. Nessas três subseções, são analisadas, através do letramento crítico visual, a partir do uso de *screenshots* do filme, observando movimento de câmera, iluminação e demais elementos que, associados ao letramento crítico absorvido e adicionados às teorias apresentadas, tornam-se capazes de expandir nosso letramento crítico visual, a fim de refletirmos sobre os diversos ciclos inevitáveis que a obra apresenta.

Ao fim, temos a seção 4, “Considerações finais”, na qual demonstro minhas dificuldades e futuras extensões das análises, como o feminismo em uma interpretação da personagem Alzira, isso porque o foco da pesquisa é outro, além do debate de Angela Davis sobre o fim da prisão e seu encarceramento em massa.

Assim, para análise, foram usados Silvio Almeida, Michel Foucault, Achille Mbembe, Angela Davis, Abdias do Nascimento, Gilberto Freyre e Andréa Cotrim Silva, possibilitando, através da junção dos ideais teóricos com as análises críticas visuais ao assistir às cenas, formular e construir novos pensamentos críticos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA

2.1 Metodologia: um Letramento Crítico Visual

O presente trabalho é voltado para a análise fílmica, usando fontes teóricas de autores como Silvio Almeida (2019), Achille Mbembe (2018), Angela Davis (2018), Abdias do Nascimento (1978), Michel Foucault (2011), tentando descrever e analisar através de imagens do filme *Querô* e do conceito de letramento crítico de Andréa Cotrim Silva (2019).

Ao analisar o filme, consigo entender através de movimentos da câmera e de diversos planos de imagens formas de críticas de pensar o mundo. O letramento crítico é uma forma de tensionar o pensamento de unicidade de sentido fixo, sendo essencial para a construção de novos conflitos e de verdades inquestionáveis, possibilitando analisar enquadramentos, movimentação de câmeras e possibilitando a decodificação das mensagens ali presentes, favorecendo novas perspectivas de um novo olhar visual e crítico ao compreender a intencionalidade e expressões não verbais.

Assim, como define Silva (2019), o conceito de letramento visual é:

um processo constante de reflexão sobre um texto (verbal, sonoro, visual etc.) que sabidamente tem origem no contexto de seu autor, interpretado por um leitor, igualmente, produtor de significados e que precisa se tornar autoconsciente da origem de seus pensamentos e valores como tendo elaborados em uma coletividade sócio-histórica específica. (Silva, 2019, p. 2)

Entende-se por Silva, que a prática constante de reflexão crítica de uma mensagem, seja ela verbal ou não verbal, está ligada a valores coletivos sócio-históricos, sendo que tanto o produtor como o leitor se tornam autoconsciente da origem de seu pensar, podendo ser dividido em letramento racial e visual, sendo que nenhuma visualidade pode ser totalmente transparente ou incontestável, visto que está envolta de valores coletivos e específicos dos indivíduos.

Em contraponto, estes valores coletivos são afetados pelas relações específicas e sociais dos indivíduos, pois a violência se torna complexa entre o sentido das desigualdades vivenciadas, visto que há um distanciamento entre a emissão de informações e ações, sejam elas ditas como verídicas ou não em relação a vivência das classes marginalizadas. Como afirma:

Transpondo-nos para o cinema, os valores dominantes da colonialidade e de suas estruturas de poder enaltecem, sobremaneira, a branquitude, desfavorecendo os demais grupos étnicos sutil ou escancaradamente, mas sempre à exaustão, podendo propagar injustiça, ódio racial e descaso, não obstante um enredo despretenso ou aparentemente desvinculado de alguma ideologia. (Silva, 2019, p. 6)

Como dito por Silva, o cinema torna-se uma via de mão dupla, seja favorecendo a denúncia de opressões, injustiças sociais ou propagando-as e favorecendo a branquitude, intensificando estereótipos de violência, marginalização, disseminando o ódio racial e intensificando a ideologia de vilão social. Entretanto, é necessária cautela, visto que a “violência da apresentação”, ou seja, a proliferação de estereótipos a diversos grupos de pessoas negras e marginalizados fortalece imaginários e apagamentos.

Como exemplificado por Silva (2019), o filme *O nascimento de uma Nação* (1915), de D. W. Griffith, é a retratação da violência da apresentação visto que os rostos pintados de preto, representados com agressividade, velhos e servis reforçando também a dúvida em seus atos, além das mulheres representadas como rabugentas e as magras especificamente na sexualização e seus corpos. Ao decorrer dos anos, foram moldando-se o papel do negro nas produções, mesmo um tanto distante do que seria algo que desse fala ao negro, visto que as produções mesmo com diretores e roteiristas negros ainda são financiadas por brancos. Portanto, o letramento crítico corresponde não apenas em compreender e interpretar, mas em ver o outro como uma dimensão de um eu social.

Em síntese, o letramento crítico (visual/ racial), torna-se complexo e fundamental para a construção da identidade e pertencimento negro, tendo em vista seu contexto histórico-social enfrentado até os dias atuais, resultando no processo hostil como apresentado no encarceramento em massa e no genocídio do negro.

2.2 O poder e o racismo estrutural

Ao debatermos sobre poder, logo pensamos em dominação, imposição ou até mesmo submissão. Entretanto, como afirma Michel Foucault (2011), no seu livro *Microfísica do Poder*, o poder está ligado a duas vertentes: o saber e o poder, que funcionam como macropoderes e micropoderes. Ambos se referem à forma como as instituições agem em questão de dominância entre os demais, sendo os macropoderes as instituições políticas, órgão de saúde pública e forças de segurança, essas que agem de forma macro na sociedade. Já os micropoderes são instituições voltadas para a unidade familiar ou instituição acadêmica, de alcance mais pessoal. Tendo em

vista que essa submissão não é tomada de passividade, mas é estruturada socialmente através de discursos meritocráticos e aceitação entre os indivíduos.

Como é possível que se tenha em certos momentos e em ordem de saber, estas mudanças bruscas, estas precipitações de evolução, estas transformações que não correspondem à imagem tranquila e continuísta que normalmente se faz? (Foucault, 2011, p. 5)

Analisando Foucault, entende-se que essas precipitações ditas vão além dos poderes pré-estabelecidos no cotidiano, essa de forma voluntária e inconsciente ocorrendo assim de diferentes tipos de ações, abrangendo outros alcances em múltiplas situações e lugares de atuação, em que se entrelacem entre si, tendo como resultante o funcionamento de todo o mecanismo do poder. Contudo, para Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural também se compõe de instituições, essas que são formadas através de macroestruturas e microestruturas, representando o que seriam as dimensões do racismo na sociedade.

Entre essas dimensões há diferentes tipos de racismo: o institucional, o estrutural, individual, cultural ou religioso entre outros, todos estão voltados para a estrutura social, econômica ou individual, em que tudo a sua volta está moldado e estruturado para impedir que o indivíduo possa alcançar lugares estabelecidos sem nenhum critério avaliativo.

Mesmo hoje, quando as teorias racistas estão desmoralizadas nos meios acadêmicos e nos círculos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia e autoconfiança como professor, médico, advogado, goleiro, técnico de futebol ou administrador. (Almeida, 2019, p. 40)

Tais constatações do autor são entendidas como um processo político e de subjetividade onde sua consciência é conectada aos modos de pensar em que lugares como citados acima são entendidos como não pertencentes e inalcançáveis por pessoas pobres e negras.

O racismo estrutural atua de forma interna e externa na sociedade, sendo que os mecanismos vão de estruturas complexas como organização social e política que além de formar conceitos meritocráticos para ocupação de lugares sociais, usa da indução da consciência coletiva para que haja essa falsa aceitação e conformismo, mecanismos esses como ditos por Almeida em que só podem ser quebrados através do acesso à educação.

Assim, entendo que o nome racismo estrutural está ligado a forma como toda estrutura social é formada com intuito de gerar este apagamento na história, omitindo dados, intensificando falácias, moldando estruturas e pensamentos desde o acadêmico ao social, entre a teoria e a prática constante do racismo.

Para Foucault, a função do poder não se limita a apenas punir ou reprimir de forma negativa, pois funciona por meio de formas de ensinar, gerar prazer ou construir coisas, isso ocorre através da dialética formando toda uma rede de controle e submissão inconsciente.

Ligado à ideia de dominação, podemos entender o conceito de meritocracia que através de falácias está envolta da ideia de merecimento. Entretanto, sempre houve oportunidades desiguais desde a falsa abolição escravocrata, assim cria-se a submissão inconsciente do indivíduo, em que tudo está socialmente estruturado para desfavorecer esses indivíduos.

Associado à meritocracia temos o mito da democracia racial por Abdias do Nascimento (1978), *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. O autor resume a ideia de que após a suposta abolição da escravização, em mil e quinhentos houve a harmonia entre as diferentes etnias, sendo algo a destacar-se na América do Sul ou até mesmo no continente europeu, resultando na igualdade democrática em oportunidade e direito. Entretanto, sabemos que a realidade e os dados científicos de condições e expectativa de vida resultam em um genocídio do negro brasileiro, esse também nome intitulado da obra do escritor Abdias do Nascimento, a qual o autor também traz conceitos de clareamento como o termo morenidade e da objetificação dos corpos negros.

Assim, o conceito de morenidade trazido por Gilberto Freyre (1933), tinha como propósito intensificar o movimento de clareamento através da ideologia de morenidade, que colocava os negros trazidos da África como colaboradores para o genocídio dos povos indígenas e da formação do processo pós-escravidão, sendo estes conceitos criados para explicar o processo de miscigenação do negro no Brasil, sendo pensado o mulato como solução para diversos conflitos raciais.

Por tanto, a morenidade resulta na ideologia romantizada de clareamento sobre pós-escravidão, mascarando a violência sexual e objetificação dos corpos negros. Assim a metarracialidade é a ideia de ruptura que o mestiço era degenerado, porém essa ideia muito romantizada dos conflitos não compactuava com a realidade de desigualdades raciais enfrentadas até os dias de hoje.

Portanto, a construção da economia brasileira se deu pela enorme escravização dos povos africanos trazidos ao Brasil:

O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. (Nascimento, 1978, p. 49)

Como dito anteriormente, a construção econômica do país foi formada entorno de exploração, suor e sangue africano, toda a economia das inúmeras riquezas exploradas, era e ainda é desfrutada por uma minoria branca e elitizada.

Associado ao conceito de Almeida, é possível compararmos com o conceito de racismo institucional, em que toda a estrutura das instituições é formulada para privilegiar brancos e criar uma falsa ideologia de meritocracia em torno de posições sociais ocupadas, assim associando à ideia de Foucault, sobre a relação de poder, em que as instituições agem minuciosamente de forma consciente ou não sobre os indivíduos intensificando as desigualdades sociais.

Portanto, para Nascimento a violação e objetificação dos corpos negros é algo geracional e constantes, que desde a escravidão torna-se um forte artifício do racismo por fortalecer a tentativa de branquitude durante os séculos, mantendo o mesmo propósito de genocídio do negro.

O racismo biológico-social que classifica e hierarquiza raças (branco-europeia como superior, e outras como perigo biológico), legitima o processo de desumanização, no qual a associação entre o negro e a animalidade é uma "tônica muito comum do racismo". Essa desumanização é central para o exercício da necropolítica, que como referenciado anteriormente em Foucault, é a tecnologia de poder que permite ao Estado decidir quem pode viver e quem deve ser "deixado para a morte". O corpo negro torna-se o alvo do poder social de controle e eliminação, visto que a violência é a forma "normal" como a sociedade lida com essa população. A dominação estrutural e a negação histórica da identidade culminam na formação de um "povo sem identidade", cujas características são deturpadas e animalizadas em uma visão conservadora.

O processo exploratório e a colonização europeia, que se pautaram na negação da validade e da dignidade dos povos e culturas não-europeus, assim referente as ideias de Almeida, culminaram na formação de um povo sem identidade, cujos costumes e disposições físicas ou ancestrais foram deturpadas e passaram por inúmeras tentativas de negação. Assim, o autor afirma que essa dinâmica está ligada à construção do ideário filosófico moderno, que transformou o europeu no "homem universal" e todos os outros povos em "variações menos evoluídas". Essa classificação racial serviu como uma tecnologia do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações, perpetuando a visão de que esses grupos seriam animalizados em uma visão bastante conservadora.

Atrelado ao conceito de Almeida, consigo entender que a herança histórica é o fundamento do racismo estrutural, que integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável. Tendo como fator principal a desmotivação e o sentimento de não pertencimento, pois entre as características para o mecanismo que gera o racismo a conformidade das desigualdades, portanto não vêm alguém com características físicas ou sociais idênticas conquistar locais de expressões como o de professor, por exemplo, formulando algum olhar de oportunidade apenas no futebol ou na música. Nesse sentido: “o racismo estrutural tão maçante faz com que o jovem se enxergue apenas como objeto de trabalho, mão de obra barata para preencher o mercado exploratório, moldando uma sociedade na qual não há pertencimento identitário” (Almeida, 2019, p. 21).

Assim, é possível compreender que a idealização formulada pelas engrenagens do sistema já predestinado, produz a ideia de que a escolha de sua oportunidade foi feita muito antes de adentrar a vida, por sua estrutura social muito aquém, formando uma sociedade previsível ao desemprego e a falta de oportunidade. Ou seja, para falarmos de racismo estrutural, é necessário compreendermos que esses estereótipos são transmitidos de pessoas para pessoas nas diferentes camadas da sociedade, através de ações e, principalmente, de discursos de forma discreta e velada, seja no convívio familiar ou escolar, afetando diretamente na construção da autoestima do indivíduo, acarretando uma série de problemas emocionais e psicológicos. Sendo a escravidão e o racismo elementos constitutivos da modernidade e do próprio desenvolvimento do capitalismo, de modo que não podem ser compreendidos separadamente.

O racismo não é um resto da escravidão, até mesmo porque não há oposição entre modernidade/capitalismo e escravidão. A escravidão e o racismo são elementos constitutivos tanto da modernidade, quanto do capitalismo, de tal modo que não há como desassociar um do outro. (Almeida, 2019, p. 112)

Assim, a escravidão e o racismo correlacionam entre si, portanto, o racismo como dito por Almeida é estrutural de maneira que o sistema social formar estruturas e estratégias no intuito de favorecer e intensificar as desigualdades do capitalismo e da modernidade, fazendo com que o capitalismo e a modernidade andam lado a lado, sendo indissociáveis em relação ao racismo.

2.3 A micropolítica e o cárcere

Achille Mbembe (2018) discute o poder de quem vive e quem deve morrer, em que em algum momento está associada à ideia de biopolítica de Foucault, sendo o biopoder uma medida do Estado ou das instituições, em que entorno dessas políticas é elegido pelo biopoder possa através de traços hierárquicos decidir quem deve morrer e quem merece viver. Entretanto, para Mbembe apenas alguns indivíduos são permitidos viver, já os demais há toda uma estrutura estatal para que sejam eliminados com intuito de guerra a alguns corpos predeterminados.

Para isso, o Estado precisa se afirmar, assim retomando as ideias de Mbembe, o conceito de soberania que está ligado a instrumentalização do que não é visto como racional ou humano, usando como mecanismo de tudo que foge dessas normatividades, reafirmando a política de morte que assim segue o sistema.

Como referenciado anteriormente, Mbembe afirma que a soberania reivindica o direito para matar, dizer qual vida importa e deve viver, ou deve ser descartada. Entretanto, para isso acontecer de forma a não ser questionado é necessário apelar para mecanismos como o estado de exceção, e assim criar um inimigo em que ele precisa ser abatido de forma emergencial, logo há o escalonamento de quem deve morrer, sendo o racismo quem determina quais as tecnologias serão utilizadas para morrer.

Para que isso ocorra, é necessário ser bem racionalizado, isto através de um ordenamento de ações em que Mbembe vai chamar de tecnologias de morte, em um processo rápido e silencioso de genocídio com uma ideologia civilizatória de assassinato. É através dessas tecnologias que é criado o vilão social, propagando através de estereótipos de violência e marginalidade, assim a prisão ou eliminação torna se irrelevante, pois estes são postos como um problema social, cria-se um culpado para justifica o genocídio destes corpos, assim o estado é quem controla a vida ou a morte destes indivíduos.

Por tanto para retornarmos sobre o conceito do racismo, precisamos entender um pouco da denominação do termo negro que foi inicialmente usado para denominar os escravizados africanos que se rebelavam, sendo entendido como algo pejorativo, Mbembe afirma em seu livro crítica a razão negra que:

Esse nome assinalava uma série de experiencias históricas deslocadoras, a realidade de uma vida vazia; o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes de dominação de raça, de verem funcionar seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em expectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida (Mbembe, 2018, p. 11).

O autor afirma que o apagamento identitário é resultante de todo esse processo de racismo que acontece nos dias de hoje, sendo um processo de extermínio do indivíduo, desmistificando e destruindo suas crenças e cultura, através dos mecanismos de dominação, acentuando desigualdades e tornando os filhos dessa herança meros protagonistas de sua própria história. Retomando as ideias de Mbembe, compreende-se que na ordem de modernidade o negro teve sua pele objetificada e sua alma se tornou mercadoria, em que inúmeros momentos desses conflitos, tenta incansavelmente proteger sua vida.

Angela Davis (2018) em *Estarão as prisões obsoletas?*, discute como a prisão e o cárcere são vistos de forma naturalizada, incorporada ao senso comum como destino “normal” dos considerados criminosos. O problema é que essa naturalização impede que se pense nas causas sociais, econômicas e raciais que levam certos grupos à prisão em proporções muito maiores. A autora discorre sobre o sistema prisional estadunidense e a sua expansão, a partir dos anos 1980, especialmente durante a chamada *Era Reagan*, em um momento de conservadorismo no país. E esse *boom* ocasionou um aumento da marginalidade e não uma solução para o fim da criminalidade. O crescimento das prisões gerou mais prisões, mais pessoas encarceradas e mais interesses econômicos ligados à punição.

No livro, a autora historiciza como o sistema prisional é uma espécie de manutenção da escravização, condenando a população negra à criminalidade após abolição – uma espécie de necropolítica. Afinal, após a abolição formal, a Décima Terceira Emenda proibiu a escravagem, mas manteve a servidão involuntária que poderia existir “como punição por crime”. Para Davis, essa brecha foi decisiva. Os estados do Sul passaram a criminalizar condutas associadas aos negros recém-libertos, como vadiagem, ausência no emprego, porte de arma e atos considerados ofensivos, o que abre brechas interpretativas que foram usadas e pautadas no racismo, para continuar a exploração e a marginalização social. Além disso, a autora explica que, com a legislação dos Códigos Negros, o sistema jurídico passou a controlar a circulação, o trabalho e a conduta dos ex-escravizados. Atos banais ou amplamente definidos podiam virar crime quando praticados por pessoas negras, ou seja, para ela, o racismo organiza o sistema penal.

Portanto, Davis afirma que o cárcere produzido pelo Estado é um reproduzidor de mazelas, essa sendo cíclicas e continuas, criando o vilão social, um outro, que Achille Mbembe discute em sua teoria da necropolítica, o outro que o estado determina sua vida ou morte. Por conta disso, a autora propõe um abolicionismo penal, no qual, a punição deve ser problematizada como escolha política, atravessada por raça, classe, gênero, lucro empresarial e representações

mediáticas e, por isso, deve ser repensada de acordo com os contextos sociais, considerando a histórica e as desigualdade de classe e de raça. O abolicionismo penal, então, propõe em criar políticas que previnam o cárcere como a correção ao crime, antecedendo-o, tais como: descriminalização do uso de drogas e do trabalho sexual, investimento em educação, saúde, moradia, tratamento voluntário para dependência química, justiça reparadora e fortalecimento de comunidades. O objetivo é reduzir progressivamente a dependência social da prisão. Assim, a autora afirma:

(...) o que reservará o futuro se o sistema prisional tiver uma presença ainda maior na nossa sociedade? No século XIX, ativistas abolicionistas insistiam que, enquanto a escravidão continuasse, o futuro da democracia seria realmente sombrio. No século XXI, ativistas antiprisoniais insistem que um dos requisitos fundamentais para a revitalização da democracia é a abolição mais do que urgente do sistema prisional (Davis, 2019, p. 30).

Davis, ao explicar sobre o sistema prisional e seu encarceramento em massa, relata alguns meios estratégicos do racismo ao longo das décadas para a normalização do encarceramento de pessoas negras e marginalizadas. Após a legislação dos Códigos Negros houve o controle e a prisão pela simples ausência de emprego “Vadiagem”, assim com a brecha obtida pela Decima Terceira Emenda o encarceramento de ex-escravizados tornou-se algo lucrativo, tendo em vista que o trabalho obrigatório como forma de punição vigorava de forma a serem alugados, através da lei se omitia o real propósito dos fins por trás das prisões.

Anos após, o racismo utiliza-se da ideologia de luta contra a criminalidade as drogas, reforçando o pensamento de manter a segurança, marginalizaram grupos como o *Black Power*, *Panteras Negras*, além da prisão a estes grupos a luta contra as drogas ganhou força, assim o que seria a um problema de saúde social transformou-se no principal vilão, aumentando consideravelmente o encarceramento de negros com pequenas quantias de drogas e fazendo vista grossa a brancos com quilos, fortalecendo ainda mais a desigualdade e a hostilidade novamente justificável através de falas racistas, associando a comunidades negras e marginalizadas como principais problemas desta falsa guerra.

É notório que o racismo age na produção do vilão, seja ele através de roubo, drogas, ou demais crimes dos mais variados possíveis. Através da produção da imagem do negro criminoso, brutal e perigoso proliferou de forma a não apenas os brancos acreditarem nessas falácias como os negros sendo utilizada como uma verdade absoluta causando pânico entre eles. Com o número de encarcerados aumentando, formulou-se a lei dos 3 strikes, onde depois da terceira prisão tornaria perpetua, além das penas mínimas onde obrigatoriamente haveria o

comprimento quase total da pena sendo negado a liberdade condicional, está ação resultou em um aumento que quase dobrou a quantidade de detentos.

Angela Davis nos mostra que ao longo dos anos os controles raciais e sociais foram usados e aprimorados conforme a necessidade da época, tornando o cárcere algo cíclico e constante, voltado para o interesse econômico, sendo evidente o entrelaçamento com o capitalismo. O racismo aos negros e o encarceramento em massa descrito por Davis, deixa evidente que nunca houve um debate franco sobre esses mecanismos de expansão da escravidão moderna, há a hostilidade, a repressão e o genocídio em massa. Mesmo com movimentos contra esse desastre social chamado racismo, há um grande abismo até uma igualdade racial, algo que se tem extrema urgência em detrimento a décadas de opressão e a realidade dos dados que andam em direção contrária a soluções.

Contudo, compreende-se que o Estado sempre norteia estratégias para a criminalização e descriminalização. Assim, tendo em vista que o sistema prisional age diretamente com ideologias racistas, sendo indissociável o genocídio do negro com a desigualdade capitalista para a manutenção do sistema econômico e exploratório, esse que reproduz mazelas e sofrimentos constantes a vários séculos. O racismo em *Querô* está intimamente ligado ao sistema prisional e a dominância de poder do Estado sobre o indivíduo negro e marginalizado.

3 ANÁLISE FILMICA DE QUERÔ

A análise fílmica baseia-se no ciclo intergeracional e na consciência de Querô, sendo observada principalmente na cena do cárcere, onde a reflexão de suas mazelas e do sentimento de raiva por tudo que foi herdado de sua mãe, mistura-se em lágrimas e ódio, além do sentimento de vingança e a consciência de que essa revolução pessoal e planejada contra o sistema. Essa que poderia causar seu fim, assim, entrelaçando entre teoria e análise fílmica, sendo possível abranger nosso letramento crítico visual.

3.1 Alzira, a mãe de Querô

O início do filme mostra o nascimento de Querô e todas as dificuldades e os preconceitos que Alzira, mãe do protagonista, sofre para que permaneça com seu filho, por ser trabalhadora do sexo, ou, como o filme reitera repetidamente o preconceito, ao enunciar a palavra *puta*. A cena a seguir marca a despedida da mãe com seu filho, percebendo a limitação que o estado impõe sobre a sobrevivência, assim Querô é abandonado na porta de um convento sendo utilizado um plano próximo focando apenas no bebê frágil, indefeso e largado à própria sorte. Assim como afirma Mbembe, ambos estão presos nas redes de dominação, sendo suas escolhas e corpos dominados, suas vontades e escolhas são desenvolvidas em função do Estado, pois o estado domina os indivíduos seja de forma consciente ou não.

Após o corte desta cena, tem-se através de um plano aéreo que se atém a focar em Alzira no chão, agora morta após cometer suicídio, as pessoas ao redor olham atentos ao acontecido, mas sem muita importância, assim como defendido por Mbembe sobre a necropolítica, o Estado decide quem deve viver e quem pode morrer, através da limitação do desejo de criar seu filho ela faz uma dura escolha, tentar quebrar este ciclo intergeracional abdicando de sua vida em prol do seu filho, sentada na cadeira do bar, entende que suas vontades não são suas e que o

Estado, assim como faz com ela, ira marginalizar, objetificar e como dito pelo autor decidir a validade de sua vida, com isso numa tentativa vão de quebrar este ciclo, ela abdica de sua vida.

A cena agora num plano médio foca no ato dos agentes do IML, esses pegam seu corpo, pálido e em estado mórbido sem demonstrar nenhuma empatia, o Estado com sua dominação faz com que o acontecido seja algo fútil pela população, assim de forma inconsciente pela população o Estado exerce seu poder, sem haver questionamento sobre a morte de uma mulher que já era marginalizada pela sociedade.

Figura 1: cena da morte de Alzira do filme Querô



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 6 min e 20 s

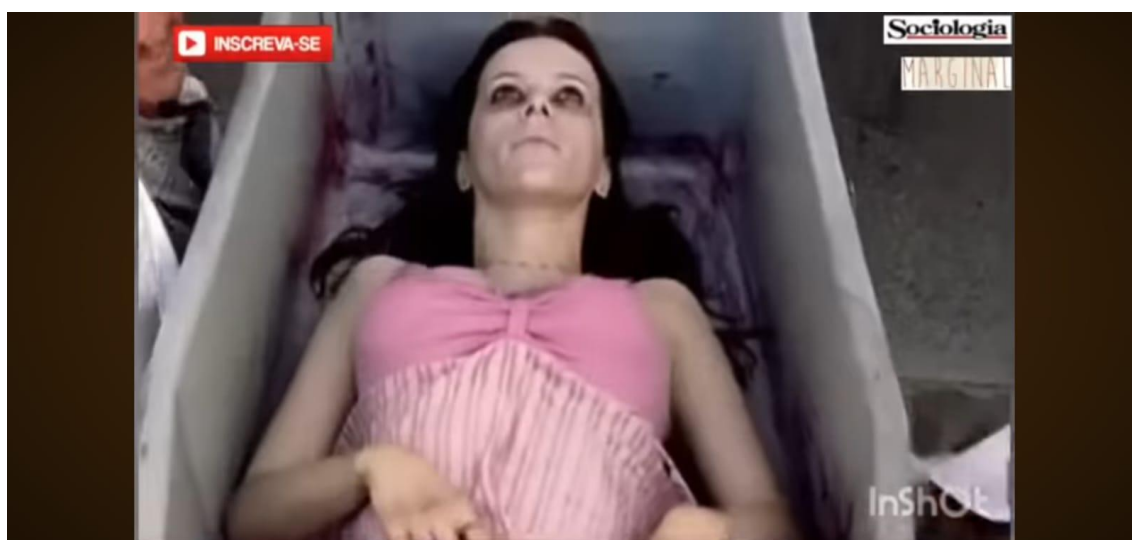
Figura 2: Alzira é levada pelo IML



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 6 min e 38 s

Figura 3: cadáver de Alzira



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 6 min e 55 s

Desde as primeiras cenas do filme, as quais temos o nascimento de Querô no bordel, entre o vai e vem das trabalhadoras do sexo, há a admiração nos olhos das amigas de Alzira com seu bebe no braço. Entretanto a dona do bordel nega e expulsa tanto a mãe quanto o filho. Todo esse cenário, até sua morte, é possível identificar elementos do conceito de Foucault quando falamos de poder, principalmente, de forma consciente exercido pela dona do bordel sobre a empregada, assim entende-se que esse o poder é exercido sobre a vida do protagonista sendo desde seu nascimento marginalizado.

A cena seguinte Alzira tenta encarar a vida fora do bordel e para em um bar para beber, ao associar a escolha feita se desespera, abraça seu filho forte como um ato de despedida, o abandona na tentativa de que seu filho siga uma vida melhor que a sua, assim sai e bebe Querosene em uma tentativa de ceder sua vida em prol da dele. Nesse trecho pode se associar ao conceito de Mbembe, em que o estado que decide quem vive e quem deve morrer, dominando o sujeito marginalizado e suas escolhas. Alzira é o reflexo da dominação dos corpos marginalizados pelo estado, vendo seu filho, seu maior desejo e realização sendo limitado, assim sua mãe entende que seus desejos, vontade e persistência por seu filho perderia toda força e sentido, pois o estado limitou Alzira de tal forma a fazê-la abdicar de sua vida, entretanto sua escolha nada mais foi do que a reprodução do ciclo de dominação, da formação de um filho sem amparo fraterno, ou seja mais um vilão social que o sistema criou para exterminar futuramente.

Logo após a cena, temos Alzira morta no chão, as pessoas paradas a olhar o corpo, parecem não ter empatia pelo ocorrido, os agentes do IML também não demonstram nenhuma reação como se tudo aquilo estivesse arquitetado para acontecer. Assim, entende-se que os corpos marginalizados são apenas números, dados estatísticos sem nenhuma relevância para a sociedade que se mostra indiferente ao genocídio que se torna frequente, Nascimento (1978) em seu conceito do genocídio do negro, explica que o sistema cria e articula estratégias de extermínio, seja de forma inconsciente como o suicídio de Alzira ou através do genocídio feito pela polícia.

É possível notar também que com a morte de Alzira, seu filho Jerônimo é chamado de Querô, ou seja, o protagonista não apenas herda toda dificuldade de alguém sem estrutura familiar, mas leva no seu codinome uma marca registrada do ciclo inevitável de sua mãe, assim para a sociedade não existe Jerônimo somente o Querô perigoso, criminoso e marginal filho de alguém sem relevância social.

3.2 A prisão de Querô

Em seguida, o tempo passa e a marginalidade torna-se cotidiano de Querô, após uma denúncia de um companheiro de furto, nosso protagonista é detido e vai para FEBEM, em um plano contra-plongée e com movimento tilt-up esse ligeiramente debaixo para cima mostrando toda extensão do seu corpo, segue o movimento até ser parado num plano próximo, focando apenas em seu rosto de forma a mostrar o perfil e sua cabeça raspada demonstrando indícios de

sua detenção, a raiva, o ódio indomável diante das desigualdades e injustiças, esses são resultados da dominação de seus corpos pelo Estado, onde suas vontades não são mais suas, tudo é dominado e articulado através de um poder irrefutável do Estado. Relacionando com Abdias do Nascimento (1978), entendemos que o Estado traça estratégias para o genocídio do negro e que essa falsa ideia de democracia racial, como dito pelo autor, não passa de um mito, a desigualdade sempre existiu e após a abolição persistiu de forma a tornar o negro vilão, e assim, justificar a dominação de seus corpos e a importância de suas vidas.

O sistema prisional foi criado com intuito de reflexão do indivíduo para seus delitos, portanto, como afirma Angela Davis:

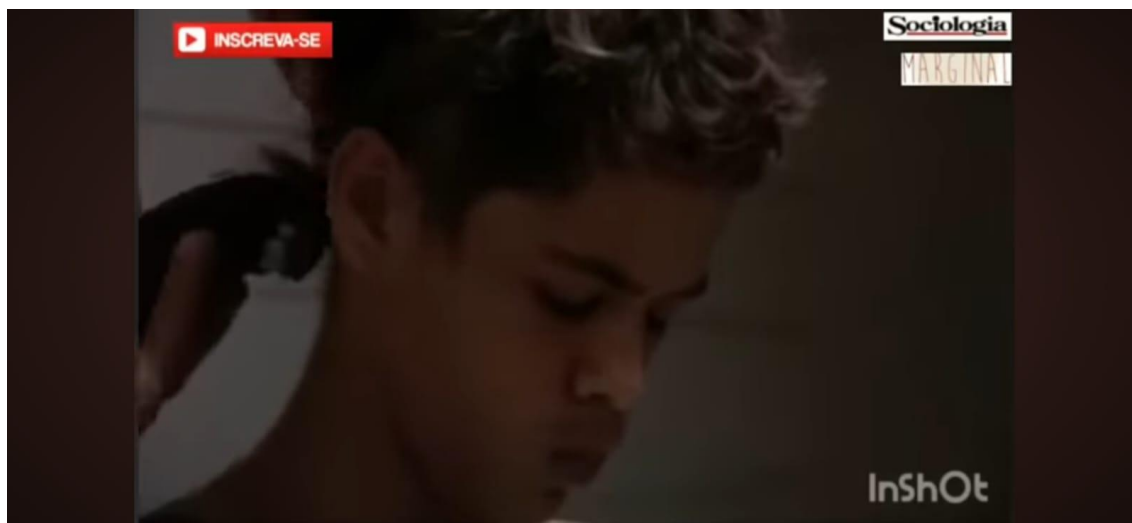
Como está indicado na designação “penitenciária”, o aprisionamento era encarado como reabilitador, e a prisão penitenciária foi concebida com o objetivo de proporcionar aos condenados condições de refletir sobre seus crimes e, por meio da penitência, remodelar seus hábitos e até mesmo sua alma. (Davis, 2018. P. 24).

Notamos que o sistema prisional foi se adaptando, com o vigor da Decima Terceira Emenda que aboliu a escravidão e a servidão involuntária, entretanto, o sistema prisional formulou estratégias para que o racismo e a servidão existissem, sendo usado agora não para reabilitar o indivíduo, mas para fortalecer e controlar o negro marginalizado.

A partir das reflexões de Angela Davis, entende-se que as prisões, como é o caso da FEBEM presente no filme Querô, está associada a escravidão e a segregação dos negros no sistema social, tornando evidente e indissociável a relação do racismo do sistema prisional. Querô tenta fugir da criminalidade, do meio hostil. Entretanto, acaba na prisão, lá sofre abuso, apanha, é constantemente humilhado, demonstrando como o sistema prisional é falho, assim definimos o sistema carcerário por Angela Davis como obsoleto, tendo em vista que o sistema prisional se tornou uma extensão do racismo e que tanto a prisões em massa do povo negro não somente é discutido por Davis, mas também podemos perceber no filme.

Entende-se também, que as prisões são extensões de estratégias de domínio após a abolição da escravatura, em que a prisão foi uma forma de controle de mão de obra negra, tendo em vista que até nos dias atuais, essas práticas se tornam recorrentes em instituições prisionais privadas nos EUA.

Figura 4: início da detenção



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 18 min e 45 s

Figura 5: A irã de Querô



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 19 min e 20 s

Querô é detido pela polícia e encarcerado. Tendo seu cabelo cortado evidencia o ódio que domina seu coração e estampa seu rosto, sua raiva se dá não apenas pela situação em que se encontra, mas também pela enchente de desigualdade e violência sofrida, incerta sem um refúgio pra chamar de lar, tendo uma imensa ausência de afetividade e com uma luta constante por sobrevivência, reforçando o que Nascimento (1978), diz sobre uma modulação de estratégias criadas pelo Estado e que reforça a ideia de mito da democracia racial, evidenciando que as desigualdades são extremamente visíveis e, associado a esse conceito temos o de Davis que explica o encarceramento negro em massa, isso de forma a ser como dito por ela a extensão

do racismo, o qual há uma padronização dos encarceramentos em massa visto na cena seguinte em que nosso protagonista vai ao pátio e todos tem o mesmo biotipo, muitos com realidades iguais as suas reforçando o conceito de Silvio Almeida.

Na cena seguinte, Querô vai ao pátio e em um plano aberto podemos identificar crianças com a mesma média de idade, todos pretos e marginalizados com toda dificuldade e ausência familiar evidenciando a desestrutura. Assim como afirma Almeida (2019), o racismo é estrutural visto que tudo está organizado para que a desigualdade e a criminalidade se sobressaiam isso de forma interminável de geração em geração, cena bem evidenciada no cumprimento entre o contato com colegas de rua todos com mesmo fenótipo.

Assim como descrito por Davis (2018), após o fim da escravidão foram criados chamados Códigos Negros, seriam leis criadas para a punir atos como vadiagem, quebra de contratos de trabalho, porte de armas, gestos e atos ofensivos, tendo em vista que essas leis se aplicavam apenas as pessoas negras, essa com intuito e um falso julgamento justo. Entende-se assim que o racismo sempre esteve entrelaçado com o sistema prisional sendo o sistema penal mecanismo de domínio após escravidão, extremamente opressor e racista, demonstrando que o encarceramento é e sempre foi algo direcionado a negros.

Entendemos por Davis (2018), que a solitária em que Querô se encontra é um mecanismos criados pelo sistema prisional para punir através do isolamento, métodos esses que vão desde a prisão perpetua até a pena de morte em alguns países, esse último bem questionado pela população em que a autora lança estratégias de acabar com as prisões visto que estão obsoletas, criando a idealização de abrirem escolas intensificando as oportunidades e diminuindo o abismo social que existe entre brancos e negros.

Figura 6: FEBEM, o primeiro contato



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 20 min e 02 s

Na cena seguinte, em um plano conjunto, Querô conversa com amigos da rua e logo entra em conflito com Cocada, um dos meninos, sobre o estereótipo de seu nome, relacionado a causa da morte de sua mãe, como uma marca evidente do racismo que torna-se indissociável, como defendido por Almeida (2019), no conceito de ciclo intergeracional que são resquícios de heranças escravistas: estereótipos de marginalização, despreço, agressividade ou objetificação do corpo negro são repassados entre gerações acentuando ainda mais o conceito de racismo estrutural. Em seguida, a câmera em um movimento Push-in, avançando sobre o incidente, demonstrando toda a agressividade e o conflito em busca do respeito através da violência em que quase causa a morte de Cocada e a ida de Querô para a solitária.

Querô entra em confronto com o cocada, líder dos meninos na FEBEM, após de impor seu respeito e quase matar seu colega de detenção, nosso protagonista vai para a solitária, dentro da solitária no chão frio, cheio de insetos e pouca iluminação, temos uma das cenas mais impactantes do filme, o protagonista em constante raiva, dor e desalento reflete sobre sua vida e situação, assim em um monólogo com sua dor e a ausência de sua mãe, traz a reflexão central em que se questiona sua existência, sobre a dependência alheia e o ódio de sempre viver à margem como algo inútil para a sociedade. No primeiro momento em que está na solitária podemos referenciar não somente os detalhes estruturais, mas o propósito da punição, pois para Davis (2018) as prisões têm se tornado obsoletas, visto que a forma como a punição ou as estruturas que em inúmeras cenas mostram o sistema prisional encarcerando em massa e tornando-se uma extensão da escravidão, visto que os garotos limpam, servem e tem diversos trabalhos que seriam de função de agentes penitenciários, onde a servidão ainda vigora. Por

consequente, entendemos também que a reflexão de Querô traz traços de subsistência, onde ao comentar sobre a humilhante situação de dependência para comer, dormir, morar e existir relaciona com o conceito de Nascimento (1978), o qual afirma que o sistema modula estratégias de extermínio para os negros e marginalizados criando um estigma de vilão social.

Assim, associado a teoria de Foucault (2011), entendemos a FEBEM como uma estrutura de micropoder, na qual as desigualdades de um Estado racista demonstram como o estado incide seu poder sobre os garotos, ou seja, a FEBEM é o reflexo micro dentro do macro poder que é a sociedade.

Figura 7: O conflito



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 20 min e 56 s

Na solitária, temos um plano aéreo, demonstrando o quão Querô torna-se pequeno em meio a situação deplorável da solitária, em uma luz baixa como em todo filme, porém agora somente um sombreado da janela, assim a cela fria e escura cheia de insetos é como um comparativo a realidade marginalizada fora dali. Em seguida, a cena fecha e Querô aparece depois em um plano próximo focando em seu sofrimento, o choro e a reflexão tomam conta do protagonista.

Por que mãe, por que você me colocou no mundo? Olha o que você fez comigo mãe! Porra mãe eu nunca fui nada sempre me fudi, vivo de favor, durmo de favor, como de esmola isso presta mãe? Isso acaba com a gente, deixa a gente ruim! Mas eu vou arrumar uma arma pela essa luz que me ilumina, eu vou ser a zorra encarnada eu vou mandar vê mãe, a senhora vai vê! (Querô, 2021, 01h 27 min).

Figura 8: A solitária



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 24 min e 35 s

Figura 9: A Autorreflexão



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 25 min e 14 s

Portanto, associado a fala do nosso protagonista com o conceito de Nascimento (1978), no qual o autor discute sobre o mito da democracia racial, que teria por fundamentação uma igualdade as oportunidades, associando tanto a fala de nosso protagonista sobre essa desigualdade extrema entre sua realidade cruel em que se encontra, como na defesa de Abdias do Nascimento sobre a inexistência dessa igualdade de direitos, reafirmada na fala de Querô em que demonstra que essa dependência para sobreviver só fere e cria revolta em seu coração.

Assim, entendo que o ciclo intergeracional de Alzira acompanha Querô, todo sofrimento e sobrevivência daquele que vive à margem, havendo o questionamento sobre a vida cruel que

a mãe deixou, e com isso seu nascimento faz com que herde involuntariamente o estereótipo de marginal e com ele suas mazelas, assim transformado no vilão social agressivo e perigoso, esse que tem suas raízes cortadas e seu passado de luta apagado.

Dias depois, as autoridades veem averiguar as instalações da FEBEM, assim um por um são entrevistados, em um plano over the shoulder sobre os ombros da agente que entrevista Querô claramente conseguimos observar o ódio em sua face, a ira pelo Estado que sempre o dominou, retomando o conceito de Mbembe (2018) sobre a necropolítica onde o autor se questiona sobre o direito que o Estado tem sobre os corpos, decidindo assim, quem pode viver e quem deve morrer, esse conceito associa-se à tese de Hegel que fala que o sentido de viver está relacionado ao enfrentamento da morte, assim entendemos que esse direito está associado com a racionalização da vida, onde o estado legitima e justifica o direito de matar. Contudo, o olhar de Querô seguido de sua fala é a representação de sua decisão sobre o enfrentamento de viver ou morrer, Mbembe relaciona essa legitimidade do Estado com a escravidão, e assim identifica como uma morte em vida, tendo como entendimento que seu corpo, vontades e direitos pertencem ao estado havendo assim a desumanização dos corpos negros e a marginalização como forma de mecanismo da legalidade para as mortes.

Podemos ver, através do plano ponto de vista, o olhar de indignação dos agentes, em meio a resposta não protocolar, contrariando os princípios das instituições e o controle do Estado. Ao ser questionado sobre suas origens em um plano próximo, evidencia-se o vazio emocional ao descrever seu ciclo intergeracional onde sua mãe está morta e seu pai é desconhecido reafirmando a realidade de todos como um ciclo repetitivo de desastre.

Figura 10: A entrevista



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 35 min e 43 s

Figura 11: Ausências



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 35 min e 56 s

Dias após na penitenciária e os abusos sofridos pelo nosso protagonista temos a visita das autoridades, não como preocupação sobre as vidas ali, mas como uma vigilância de controle estatal em que as perguntas são sempre objetivas e retóricas. No entanto, Querô ao contrariar a obviedade das perguntas é questionado sobre seus pais, assim como a realidade de todos garotos ali a ausência fraternal é comum, podemos entender essa cena dentro do conceito de Almeida (2019), o qual fala sobre os ciclos intergeracionais, esses passados entre gerações num constante ciclo de sofrimento, demonstra o encarceramento em massa visto no filme e descrito por Davis, tornando-se o reflexo do racismo estrutural presente na sociedade, esse de forma a entendermos que tudo, desde seu nascimento, está controlado pelo sistema, tendo em vista que a entrevista aos garotos nada mais é do que uma forma de controle, sendo essa descrita por Foucault (2011) em que o poder e a dominância do Estado se torna algo pleno seja de forma consciente ou não pelos indivíduos.

3.3 As grandes e as pequenas rebeliões

Em meio às opressões sofridas, isto em um plano conjunto e em movimento panorâmico demonstrando todo o ambiente, forma-se uma rebelião no refeitório e um agente é esfaqueado, fogo é ateado e o portão arreventado acontecendo a fuga, em uma tentativa constante de fugir do sistema opressor, Querô foge em direção a um mangue e encontra um lago com a luz baixa

apenas evidenciando o luar da noite há o sentimento de liberdade e assim focando o olhar nas luzes da cidade observando seu destino como uma nova chance de recomeçar.

Figura 12: Indignação



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 39 min e 32 s

Figura 13: Revolução



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 41 min e 56 s

Figura 14: Liberdade



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
 Minuto: 44 min e 10 s

Dias após a entrevista ocorre uma revolução, os garotos indignados com a forma hostil que são tratados ateam fogo e fogem, agora o protagonista foge pelo mangue, encontra um lago e ao luar da noite retoma sua liberdade, ali como um passarinho solto a voar, Querô tenta deixar toda aquela repressão para trás e busca seu recomeço. Nesta tentativa, encontra Gina, mulher, assim como ele, enfrenta as dificuldades da repressão sempre ganhando pouco, mas com o coração puro, sempre muito religiosa, tenta levar leva-lo para a igreja e é lá onde encontra sua paixão Lica, a filha do pastor, tudo parecia caminhar entretanto, ligado a teoria de Foucault (2011) sobre o poder, entendemos que o Estado estava a dominar mesmo que de forma inconsciente, pois mesmo não vivendo da marginalidade ainda era extremamente limitado tendo apenas o básico para sua sobrevivência.

Querô faz amizade com Gina, que assim como ele vive em dificuldades, mas o chama para a igreja como uma tentativa de melhorar sua vida e fugir da marginalidade, assim o protagonista vai e encontra Lica a filha do pastor, logo se apaixona e as coisas começam a andar, consegue um trabalho que, mesmo ganhando pouco, já o faz acreditar em uma mudança, o jeito carinhoso e o fato de Lica chamar Querô pelo seu nome de batismo, Jeronimo, faz com que ele se sinta parte da sociedade em que sempre foi escanteado.

Figura 15: Igreja



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 54 min e 49 s

Figura 16: Paixão



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 56 min e 54 s

Porém, a realidade marcada de dificuldades, a repetição dos ciclos faz com que Querô se endivida com Brandão ao tentar comprar um presente para Lica, assim como afirma Silvio Almeida (2019), o racismo e o capitalismo são indissociáveis, sendo o capitalismo um elemento constituinte da desigualdade racial, naturalizando baixos salários para homens e mulheres negras, tendo em vista que desta forma o racismo como dito por Almeida torna-se uma tecnologia de controle sobre os corpos negros, sendo possível identificar na cena em que a

realidade econômica de Querô é escancarada e tudo o limita. Assim, refém do Estado, pois atrelado a esse pensamento temos o de Foucault (2011), em que diz que o poder do Estado é soberano sobre os indivíduos, seja consciente ou inconscientemente. A cena é representada em um plano detalhe, focando inúmeras vezes na mesa de bilhar e na reação de frustração de Querô ao perder um dinheiro que não tinha, há uma desavença e o protagonista sai do bar em busca de conseguir o dinheiro perdido.

Figura 17: Bar



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 02 min e 03 s

Figura 18: Conflito com Brandão



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 05 min e 12 s

A luz baixa da noite, em um plano contra plongée evidencia a caminhada de Querô pela rua apressadamente, até que em um plano médio em meio às sombras, Sabará aborda o

protagonista, exigindo um dinheiro semanal para que não seja preso por seus crimes. Sem opções, Querô tenta não apenas conseguir o dinheiro, mas também rouba a arma de Mosca um antigo conhecido do centro de detenção. Com arma e com dinheiro nosso protagonista vai ver Lica, sua grande paixão, e se despedir, pois sabe que vai fazer algo que não tem volta, tentar matar Sabará.

Figura 19: Encontro de Sabará



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 06 min e 38 s

Figura 20: Ameaça de Sabará



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 06 min e 49 s

Em um plano próximo, focando apenas em seus rostos, Querô se despede de Lica e diz que sempre quis ser o Jerônimo que ela tanto queria, nesse momento percebemos a consciência do protagonista em notar que seu ciclo de sofrimentos se repetiria e nunca estaria livre para ter o mínimo de dignidade possível, seus interesses, vontades estavam todos sendo moldados pelo Estado, a maçante dominância ocasionou o apagamento e a sensação de não pertencimento em lugar algum, com a luz baixa e a câmera focada nos dois, Jerônimo dá um beijo em Lica selando uma despedida eterna, a câmera estática mostra aos poucos Querô indo embora.

Figura 21: Despedida



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 12 min e 07 s

Figura 22: O Querô



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
Minuto: 1 h 12 min e 29 s

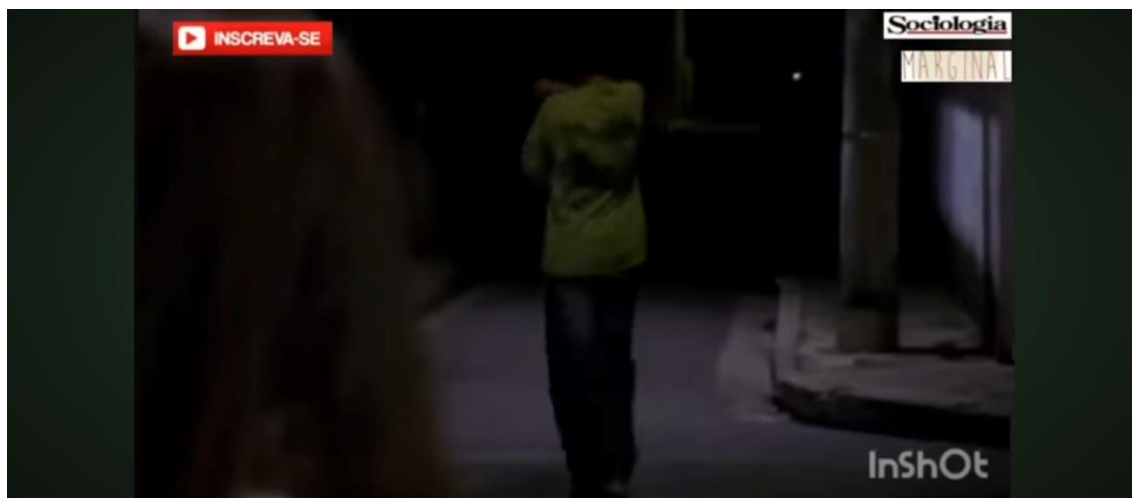
O protagonista se vê sem dinheiro para comprar o presente para a garota que ama, assim recorre à uma aposta que ocasiona perda de todo o dinheiro, além de arrumar toda confusão com Brandão, parceiro de trabalho, sai em busca de conseguir a grana, nesse intervalo, em uma rua escura, Sabará, agente penitenciário faz uma abordagem ostensiva e dá o valor de trezentos e cinquenta reais por semana, esse é o valor para vida e liberdade do protagonista que novamente se encontra preso pelo sistema, como afirma Mbembe (2018) o Estado dá esse direito à vida, porém também escolhe quando devem morrer, fazendo entender que nosso protagonista nunca esteve realmente livre, tomado pela raiva das agressões sofridas e ódio, entendendo que a única solução era conseguir uma arma e matar Sabará.

Querô armado vai ao encontro de Lica, lá, o protagonista dá um abraço e ao perceber a arma Lica recua e o chama de Jerônimo, neste momento, o protagonista afirma que essa pessoa descrita por ela já morreu, o sistema tinha dado a sentença de morte, pois ele teria que sobreviver da criminalidade se quisesse fugir da FEBEM, assim entendemos pela teoria de Almeida (2019) do racismo estrutural, a identidade do indivíduo é apagada, para sociedade só existe o marginalizado, formando indivíduos sem representatividade, e tendenciando eles a morte seja física ou psicológica.

Pois ao refletir sobre seu nome, percebe-se que nosso protagonista carrega um trauma psicológico constante em ter sua identidade apagada, sendo que de tanto ser enxergado como Querô pela sociedade, o Jerônimo sem estrutura, jogado a sorte do destino e que precisava roubar ou pedir esmola para sobreviver. Note que se inverte os papéis, o opressor se olhado de perto é apenas o oprimido, este sem escolha e marcado como vilão social, que independente de quem o enxergue como vítima o estado impõe e molda estratégias que o coloca como o inimigo da sociedade, para assim justificar ou como no caso de Alzira sua mãe normatizar seu genocídio.

Querô dá um beijo em Lica e vai embora, escreve uma carta de despedida para Gina agradecendo tudo que fez por ele e dizendo que se não conseguisse voltar estaria bem com a mãe longe de todo aquele ciclo de sofrimento.

Figura 23: O retorno de Querô



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
 Minuto: 1 h 12 min e 46 s

Apenas a luz de velas em um plano médio, Gina lê uma carta de despedida. A cena corta e em um plano geral mostra Brandão em um bar onde Querô entra e paga o que deve, assim em bar em bar o protagonista vai em busca de Sabará o encontrando em um bordel, em um plano conjunto e uma visão panorâmica de todo local, Querô vai de encontro a sua morte, atira em Sabará à queima roupa, mas também é gravemente atingido. É possível notar que Sabará representa o poder do Estado, a exploração sobre corpos de mulheres como Alzira, o controle dos corpos negros como de Querô, relacionando a não condição de vida do nosso protagonista ao lado de sua mãe, entendendo assim que o estado escolhe criar vilões sociais, danificando suas estruturas para depois matá-los.

Figura 24: Carta pra Gina



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 1 h 12 min e 57 s

Assim, Querô retorna ao bar, paga Brandão e sai a procurar Sabará, entre bares e prostíbulos, o protagonista o encontra, troca tiros matando o agente e sendo gravemente ferido, desnortado foge caminhando ensanguentado pela rua escura, nesse momento, passa diversas memórias tristes desde seu nascimento, associando essas memórias à teoria do ciclo intergeracional de Almeida (2019), Querô se torna o resultante do ciclo de sofrimento de sua mãe, sendo que ele retoma este ciclo em sua vida desde seu nascimento sem nenhuma perspectiva. Podemos compreender como na teoria de Abdias (1978), que o sistema modula estratégias e as põe em prática para exterminar os marginalizados e negros, assim caminham lado a lado com a teoria de Mbembe (2018), ao afirmar que o Estado ao decretar a morte de Querô, que já nos seus últimos suspiros encara sua mãe do outro lado da rua, tornando a morte como única alternativa de fuga e reencontro longe de todo sofrimento.

Figura 25: Acerto de contas



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 1 h 15 min 59 s

Contudo, sob a luz baixa em uma rua escura nosso protagonista foge sangrando muito, em seus últimos esforços devaneia sobre sua vida cruel, uma luz clara na esquina da rua, Querô encara o devaneio de sua mãe, como um símbolo da morte que havia te alcançado e em um sorriso fixante para representara tentativa de fuga de seus males.

Figura 26: Devaneio



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 1 h 16 min e 53 s

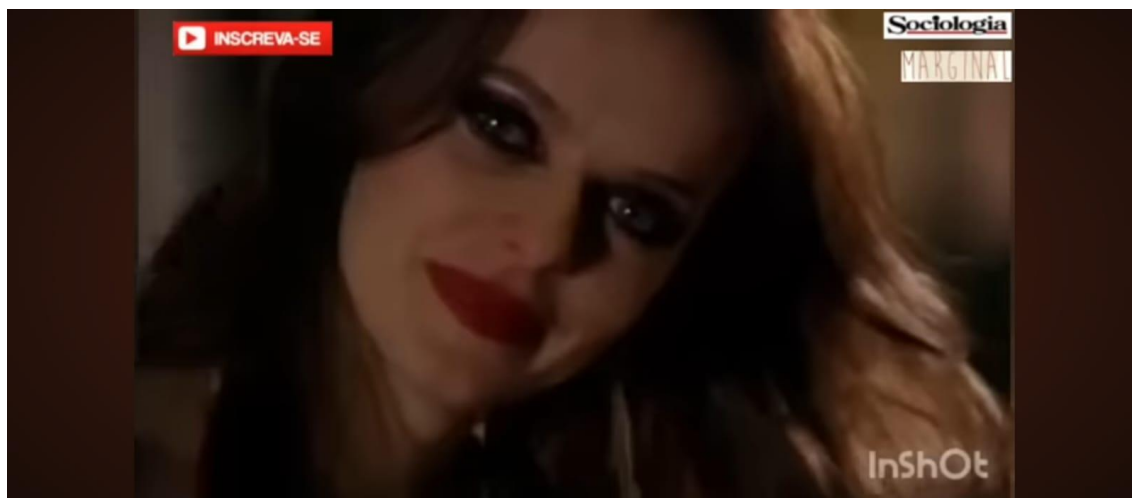
Figura 27: Encontro



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>

Minuto: 1 h 19 min e 40 s

Figura 28: A sedução da Morte



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
 Minuto: 1 h 19 min e 58 s

Figura 29: Abraçando a morte



Fonte: Querô, disponível em: <https://youtu.be/n3xZGVyxxrI?si=BsUHB5rFnQZj2gLH>
 Minuto: 1 h 20 min e 06 s

O protagonista em uma luz baixa, cruza o olhar penetrante do devaneio de sua mãe, o encontro do começo e do fim, ambos entrelaçados em sofrimento se encaram, afirmam o genocídio que Abdias do Nascimento (1978) traz como teoria, o sistema direciona e arrasta Querô para o mesmo destino de sua mãe, ele entende que desde a solitária tudo estava traçado. Com olhares fixos, um sorriso lindo e seduzente de sua mãe como se já estivesse à espera do

seu filho, e assim o protagonista sorri fielmente como uma resposta ao reencontro, abraça fielmente a morte e transforma a mesma como uma fuga para sua angústia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho aqui apresentado teve como objetivo associar os conceitos teóricos sobre alguns assuntos, como racismo estrutural, ciclos intergeracionais, o biopoder como forma de dominação estatal, as prisões e seus mecanismos de punição, a objetificação do corpo negro e a necropolítica, na qual o sistema social tem total poder sobre sua vida e morte, isso através de autores como Silvio Almeida, Angela Davis, Michel Foucault, Achille Mbembe, Abdias do Nascimento, Paulo Freire e Andréa Cotrim Silva. Assim, associado ao letramento crítico visual, que nada mais é do que o entendimento e a reflexão através do audiovisual, criando novas reflexões e entendimentos, além de aprofundarmos e refletirmos sobre as teorias aqui apresentadas.

Apresentando, assim, a relação de prisão por Angela Davis, sendo ela pensada como punição e controle estatal e assemelhando-se à de alguns países, como os EUA. Entretanto, fica um pouco lacunar, visto que, como comentado por Davis, há um interesse capital em torno das prisões, visto que, no Brasil, não há esse interesse econômico direto como algo rentável para uma privatização. Assim, tenho consciência de que o trabalho aqui exposto pouco se aprofunda no feminismo de Alzira, personagem intrigante e que, futuramente, em uma extensão deste trabalho, pretendo investigá-la sob uma perspectiva psicológica, traçando relações com a herança de angústias deixada para seu filho.

Saliento aqui também que minha maior dificuldade foi com a escrita acadêmica, pois sou poeta e tenho comigo a escrita mais fluida e lírica. Entretanto, me identifiquei bastante com a temática e com o projeto, pois trago comigo como todo negro no Brasil traumas e imposições de pessoas brancas e elitizadas, sobre a minha posição social ou a meu caráter dito por eles duvidoso enquanto jovem negro, tendo em vista que sou uma das mínimas vozes negras que ocupam o campus e que causam estranhamento sempre que falam sobre essa temática. Assim, entre os olhares de desconforto dos meus colegas acadêmicos e de alguns professores, faço valer todos os esforços dos que confiaram e desconfiaram dessa conquista individual e coletiva dos que antes de mim, lutaram para trazer o que sempre foi nosso por direito: existir. Tornando se essencial a temática e a reflexão constante, favorecendo o avanço de novos estudos sobre a temática racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. **Estarão as Prisões Obsoletas?**. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa – Grande e Senzala: Formação Patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. **Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação**. In: MACIEL, R.F.; ARAÚJO, V.A. (Orgs.). *Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 128-140.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

O NASCIMENTO de uma nação. Direção de D. W. Griffith. Roteiro: D.W. Griffith e Frank E. Woods. [S.I]: David Wark Griffith Corp., 1915. 1 filme (159 min), son., p&b.

SILVA, Andréa Cotrim. **Letramento Crítico (Visual e Racial): Desconstruindo Representações Unívocas e suas Violências**. Curitiba: Revista X, volume 14, n, 5, p. 168-180, 2019.

SOUZA, Laís de Oliveira. **Da FEBEM para a Fundação Casa: história, memórias documentadas e custo atual**. PUC -SP, 2025.